



Para uma análise do Ceticismo Contributions to Skeptical analysis



Entrevistado (interviewed):
Prof. Dr. Danilo Marcondes Filho¹

Entrevistadora:
Profa. Dra. Fabrina Magalhães (UFF/ESR)

¹ Professor Associado II do Curso de Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, onde atua também no Programa de Pós-Graduação, além de pesquisador do *Translatio Studii* – Núcleo Dimensões do Medievo, e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo (NIEP-Marx).



1. Professor Danilo Marcondes Filho, para darmos início a esta entrevista, você poderia nos contar sobre sua trajetória acadêmica?

Fiz graduação em Filosofia na PUC-Rio e mestrado na mesma instituição. Fiz meu doutorado, que conclui em 1980, na University of Saint Andrews na Escócia. De volta de meu doutorado, em 1981, passei a trabalhar na PUC e desde 1983, em tempo parcial, na UFF, e estou em ambas as instituições até hoje. O trabalho de que mais gosto é em sala de aula e meu maior orgulho minhas plaquinhas de paraninfo de formatura de várias turmas de Filosofia.

2. Poderia explicar para o nosso público formado por discentes e docentes o que é o ceticismo e quando ele surgiu no mundo antigo?

O ceticismo surgiu no mundo antigo por volta do ano de 100 a.C. quando uma dissidência na Academia, fundada por Platão mais de dois séculos antes, fez com que um filósofo do qual não nos chegou nenhum escrito, Enesidemo de Cnossos, fundasse uma nova escola que denominou Pirrônica, se referindo ao filósofo Pirro de Élis, do final do século IV a.C., uma figura muito original e um pensador socrático. Sexto Empírico, autor do século II (d.C.), nos relata que essa escola, ou corrente filosófica, fundada por Enesidemo, se denominou cética, a partir do termo sképsis, que significa “investigação”. O termo não é usado antes disso como caracterizando uma posição filosófica, nem por Pirro, mas apenas retrospectivamente para caracterizar a fase da Academia de Platão que vai de Arcesilau (séc.III a.C.) a Carnéades, (séc.II a.C.), embora esses filósofos não empregassem eles próprios este termo. Portanto, a história do ceticismo é bem pouco linear. O chamado “ ceticismo pirrônico” começa apenas com Enesidemo e é o primeiro a usar essa denominação. Em retrospecto chamamos Pirro, Arcesilau e Carnéades de céticos (embora em sentidos distintos).

3. Tendo em vista as várias divergências por parte de vários historiadores da filosofia antiga, como você explicaria a relação entre a Academia - como legítima



sucessora dos ensinamentos de Platão e continuadora do Platonismo - e a filosofia cética?

Há um texto anônimo da Antiguidade Tardia, intitulado “Introdução à Filosofia de Platão”, que se refere ao diálogo Teeteto em que Platão problematiza a definição de conhecimento, aos diálogos aporéticos (ou inconclusivos) de modo geral, à afirmação socrática do “Só sei que nada sei” e ao uso da dialética como as principais influências de Platão no que depois se denominou ceticismo.

4. Embora seja possível citar alguns filósofos que poderiam ser vistos como precursores do Ceticismo, Pirro de Élis é frequentemente identificado como o iniciador do Ceticismo. Conhecemos sua filosofia apenas através de seu discípulo Timon, de quem sobreviveram alguns fragmentos, já que o próprio Pirro jamais teria escrito uma obra filosófica. Quais seriam, então, caríssimo Danilo, as principais bases do pensamento cético pirrônico?

Na verdade, conhecemos a filosofia de Pirro apenas pelos fragmentos de Tímon, pelos relatos de Sexto Empírico e pelo capítulo sobre a vida de Pirro em Diógenes Laércio e cada um desses autores apresenta um retrato diferente. Mas, podemos dizer que Pirro se caracteriza por preconizar a filosofia não como doutrina, mas como modo de vida, uma “*skeptiké agogé*” (ou atitude, modo de conduta cético), tal como outros filósofos socráticos como por exemplo: Diógenes, o Cínico.

5. A noção de *époche* (suspensão do juízo) é tradicionalmente considerada como central a estratégia argumentativa cética. E discutível, no entanto, se a noção de *époche* encontra-se já em Pirro. Qual é então a relação entre a *époche* e a doutrina estoica?

Alguns historiadores da filosofia, dentre eles Pierre Couissin, apontam que a noção de *époche* era usado pelos estoicos em relação ao que fosse de difícil apreensão e é o filósofo acadêmico Arcesilau, em sua polêmica com o estoicismo, que defendeu



então que tudo é de difícil apreensão e que nesse caso é necessário “suspender o juízo sobre todas as coisas”.

6. Para finalizarmos, eu gostaria que você nos falasse como estão desenvolvidas as pesquisas sobre o ceticismo no Brasil?

O principal pioneiro dos estudos sobre o Ceticismo no Brasil é o filósofo Oswaldo Porchat da USP. Porchat tem uma obra muito importante nessa linha, destacando-se *Rumo ao Ceticismo*. Porchat foi orientador de vários filósofos que estão hoje em várias universidades brasileiras como Plínio Smith (Unifesp), Luiz Eva (UFPR), Roberto Bolzani (USP), dentre outros. Na UFBA o filósofo Waldomiro Silva tem trabalhado com o ceticismo contemporâneo, tendo editado várias coletâneas e é o editor da revista Sképsis. O grande filósofo e historiador da filosofia Richard Popkin também esteve no Brasil algumas vezes no final dos anos 80 e no anos 90. Traduzi sua obra de grande importância *A história do ceticismo de Erasmo a Spinoza*, que foi publicada em 2000. O professor José Raimundo Maia Neto da UFMG trabalhou nos Estados Unidos com Popkin. Também na UFMG a professora Telma Birchall tem trabalhado com o ceticismo em Montaigne e a professora Livia Guimarães com Hume. Outros professores como Jaimir Conte na UFSC também tem pesquisado o ceticismo.

Mini-curriculo:

Danilo Marcondes é graduado em Filosofia pela PUC-Rio, Mestre em Filosofia pela PUC-Rio e Doutor em Filosofia pela University of Saint Andrews. É professor Dr. do curso de Filosofia da PUC-Rio e da Universidade Federal Fluminense. Atualmente desenvolve pesquisa sobre o ceticismo sob o título de “A retomada do ceticismo antigo no período moderno”



Algumas publicações:

Marcondes, D. / Souza Filho, D.M. . *Montaigne, a descoberta do Novo Mundo e o Ceticismo*. Kriterion (UFMG. Impresso), v. LIII, p. 421-434, 2012.

Marcondes, D. / Souza Filho, D.M. . *Rústicos X Urbanos: o problema do insulamento e a possibilidade do discurso cético*. O Que nos Faz Pensar, v. 24, p. 135-150, 2008.

Marcondes, D. / Souza Filho, D.M. . *Ceticismo e Novo Mundo*. In: Waldiomi J. Silva Filho; Plínio Junqueira Smith. (Org.). *As consequências do ceticismo*. 1a.ed.São Paulo: Alameda, 2012, v. , p. 97-112.

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1920110904979912>